

A Oficina de Musicalização

Luiz Alberto Amorim de Freitas

Tenho 38 anos, sou de Nova Friburgo (RJ), e sou pessoa com baixa visão. Fiz meu primeiro grau no Instituto Benjamin Constant, onde também tive minha iniciação musical com grandes mestres cegos. Me transferi da licenciatura em música da UFRJ para a da UFPR em 2012, onde me formei em 2015, me tornando o único licenciado em música com deficiência visual de todo o Estado do Paraná, até hoje. Desde 2017 ofereço um curso de Teoria Musical para jovens e adultos com deficiência visual de forma voluntária com o acolhimento do Instituto Paranaense de Cegos (IPC), o Projeto Música Tátil. Só em janeiro de 2019 que eu consegui concluir minha especialização em educação especial e inclusiva. Isso permitiu que eu pudesse prontamente aceitar o convite do professor Enio em fevereiro deste mesmo ano para atuar como professor de música do Centro de Apoio Educacional Especializado (CAEE) do IPC. Era minha primeira oportunidade de atuar formalmente como professor de música na educação básica especializada. Então, foi no final de 2019, dentro da sala de música do CAEE/IPC, que a professora Juliana Partica me convidou para participar do projeto Teatralizando. Nas primeiras reuniões e no evento de lançamento do projeto, ainda presenciais, ao mesmo tempo em que eu percebia a importância do Teatralizando naquele momento e a qualidade e o comprometimento da equipe, eu percebi que mais uma vez na minha vida, eu seria a única pessoa com deficiência visual em uma atividade. Mas dessa vez, eu seria um professor.

Tudo estava sendo preparado por nós da equipe do Teatralizando para iniciar as atividades em abril de 2020, de forma presencial. Porém, a pandemia do corona-virus se impôs trazendo todos os seus erros, obrigando o projeto a se reestruturar para que as oficinas fossem ministradas através da internet. Todos ficamos paralisados e perdidos. Jamais passou pela minha cabeça em toda a minha vida dar aulas remotamente. Comigo mesmo, eu relutava e resistia ao máximo. Eu suspeitava que a estrutura básica necessária, internet, celulares e/ou computadores, microfones comuns e as próprias plataformas, não suportariam atividades musicais práticas, em que os estudantes tivessem que produzir som ao vivo. Isso me baseando nas dificuldades já comuns nas chamadas de áudio e vídeo comuns para conversar. Enquanto os meses de impasse passavam, pequenas participações em eventos remotos me permitiram confirmar minhas suspeitas no segundo semestre de 2020. Pude nesses eventos ouvir como ficava uma apresentação musical ao vivo em transmissões remotas. Nas reuniões do Teatralizando nesse período, meu voto sempre foi por aguardar a normalização, mas me dispondo a atuar se a maioria da equipe decidisse ministrar as oficinas remotamente mesmo. Deixei muito claro para toda a equipe que da minha parte isso seria um grande experimento, que eu não tinha nenhuma bagagem técnica nesse sentido, e que nessas condições, os conteúdos, atividades e resultados acabariam sendo muitíssimo reduzidos e simplificados. 2020 acabou sem que pudéssemos ou conseguíssemos ministrar nossas oficinas. Então, no primeiro semestre de 2021 a maioria da equipe preferiu dar início ao projeto mesmo remotamente. Eu ainda me manifestei por aguardarmos mais um pouco até que as pessoas com deficiência visual fossem vacinadas, para vermos se não seria possível as oficinas presencialmente. A maioria realmente se

definiu por iniciar,, e as atividades do Teatralizando se iniciaram no segundo semestre de 2021.

Desde 2019 meu propósito era oferecer uma oficina de musicalização. A intenção era poder acolher ao público mais diversificado possível quanto a conhecimentos musicais. Ao explorar parâmetros sonoros e elementos musicais, pretendia apresentar os participantes à nomenclatura musical que denomina fenômenos que todos conhecemos em nossas experiências cotidianas de vida com a música, ao mesmo tempo em que os estimularia a incorporarem todos esses aspectos por meio de práticas coletivas. Até considerei a possibilidade de produzirmos a apresentação de uma única música, mas em que todos os participantes estivessem totalmente conscientes do que estariam fazendo do ponto de vista técnico. Com o impacto da pandemia e a consequente necessidade de conduzir a oficina remotamente, toda esta proposta precisou ser reconfigurada. As experiências que observei e vivenciei de performances musicais remotas ao vivo me mostraram que não seria possível propor práticas musicais coletivas de fato satisfatórias e principalmente significativas para os estudantes. Se as dificuldades técnicas impostas pela qualidade da internet, a inadequação dos celulares e computadores para captarem som musical, e as questões de cada um na operação dos seus equipamentos e das plataformas de vídeo-conferências tornavam tais performances difíceis ou inviáveis para profissionais, muito mais ainda seriam paraicineiros. A gravação em separado de cada estudante e a mixagem de todas, produzindo uma faixa de áudio ou vídeo seria uma possibilidade a se explorar, mas infelizmente não possuo tais conhecimentos. Mesmo assim, apesar de representar um interessante e importante incremento tecnológico, a mixagem privaria a todos, estudantes e professor, de uma das mais relevantes experiências da prática musical coletiva, todo o longo e complexo aprendizado da cooperação e do trabalho em equipe, necessários para que chegue aos nossos ouvidos uma peça musical. Assim, remodelei a oficina de modo a manter o estudo dos parâmetros do som e os elementos musicais sem a incorporação prática. A abordagem então se concentraria na apreciação musical e na desconstrução coletiva de peças musicais progressiva e cumulativamente. Conforme cada parâmetro sonoro e elemento musical cumulativamente, os estudantes seriam expostos a obras da música popular brasileira apropriadamente escolhidas, a partir das quais tais conteúdos emergiriam por meio de perguntas e do debate entre todos.

Às 19 horas de dois de outubro de 2021, um sábado, a oficina de musicalização do projeto Teatralizando foi iniciada. Dos 21 incluídos no grupo do whatsapp, onze estavam presentes numa sala da plataforma Google Meet. Como é minha estratégia em todas as minhas aulas, deixo ou estímulo um considerável momento de bate-papos entre todos no início. Acredito ser essa uma forma de acolhimento e aproximação entre todos, oportunizando vínculos extra-classe, e de humanização da proposta em si. As oito aulas ocorreram aos sábados e quartas neste mesmo horário. Em todas, após este momento, era feita uma revisão teórica e prática de todos os conteúdos anteriores, por meio de diálogos com todos. Após ouvirem uma música trazida por mim, um novo conteúdo era apresentado. Por meio de perguntas, os estudantes eram estimulados a direcionarem sua atenção para o aspecto pretendido. Esse aspecto era explorado e aprofundado em diversas outras músicas. Foi fundamental a colaboração da monitora. Além de abrir a sala virtual, recepcionar a todos e suprir

quaisquer outras demandas, em várias ocasiões ela ainda reproduziu as músicas, conforme eu necessitava para o desenrolar dos conteúdos e das aulas.

Como já era esperado, diversos problemas técnicos dificultaram, e mesmo inviabilizaram aulas. Na maioria das vezes, entretanto, os problemas foram causados pela minha própria estrutura de internet, meu computador, e as interações entre meus leitores de tela e os navegadores instalados no meu computador. Por vezes, meu computador não suportava a interação do leitor de tela Jaws em interação com as duas janelas do google meet e a do youtube no navegador "Microsoft Edge", e o navegador fechava. Quando eu conseguia voltar, o google meet não me permitia abrir meu microfone, me fazendo ter que continuar a aula através do meu celular. Porém, o google meet no celular não permitia fazer uma apresentação de vídeo do youtube para os participantes da sala. Era então que entrava em ação a Bia, reproduzindo as músicas para mim. Tentei usar o navegador "Mozilla Firefox", mas houve dificuldades de utilização através dos leitores de tela Jaws e NVDA. Por essas dificuldades, uma das aulas precisou ser finalizada pela coordenação. Houve também dificuldades pontuais por parte dos estudantes, principalmente ligadas à internet ou à operação dos equipamentos e/ou dos recursos da sala de vídeo-chamada. Naturalmente que todas essas dificuldades se refletiram nos participantes. Longos períodos eram consumidos para que eu pudesse restabelecer o fluxo da aula, que nem sempre continuava em condições técnicas adequadas. Somando isso à comunicação lenta e dispersa nessas plataformas e a inviabilidade de se realizar atividades práticas, nem todos conseguiram manter a motivação para seguir até o fim.

No meu ponto de vista, a proposta e os objetivos da oficina foram duramente prejudicados pela necessidade contingencial de ser oferecida remotamente. A tecnologia disponível não é desenvolvida o suficiente para dar suporte para aulas de música ao vivo e interativas. Isso é ainda mais dramático em se tratando da operação através de leitores de tela, já que essas interações ainda são muito conflituosas. Foram realmente necessários níveis elevados de motivação dos participantes que concluíram a oficina, diante de tantas dificuldades técnicas. Mesmo com tudo isso, foi possível desenvolver, a meu ver, uma agradável viagem pelos meandros e sutilezas da linguagem musical. Desde a compreensão de aspectos de estilo e intencionalidade até as estruturações rítmicas, melódicas e instrumentais, os participantes puderam conhecer mais a fundo detalhes técnicos e estruturais dessa linguagem artística, através de músicas que todos ouvimos em nosso dia a dia. Paralelamente, a fluidez e descontração que as conversas aconteciam no início das aulas e nos longos momentos de dificuldades técnicas, mostravam para mim como aqueles encontros para ouvir e falar sobre música eram agradáveis para todos. Cada um dos membros do projeto Teatralizando mostramos toda a nossa força e grandeza pessoal e profissional ao fim dessa jornada. A tormenta que enfrentamos foi violenta, a embarcação ficou com água até nossas cinturas, mas conseguimos aportar. E como nosso maior e principal legado, oferecemos experiências o mais significativas possíveis para nosso público em meio a tamanhas adversidades.